

1 Pedro

O fim de todas as coisas

Em nosso último encontro estivemos meditando sobre o tema: **Em Cristo na dor e na ressurreição.**

Estágios necessários? Sim, nossa vida passa por evolução, não a de Darwin que diz que o homem veio do macaco, mas uma evolução espiritual que transforma a dor em crescimento. Este crescimento não está atrelado a independência, pelo contrário a total dependência. Não de drogas, dinheiro ou qualquer coisa que para a sociedade é importante, mas dependência de Deus.

1 Pedro 4:4 Por isso, ao estranhar que vós não colaborais com seu excesso de devassidão, eles vos insultam.

Com esse caminhar, geraremos incômodo a muitos, será algo muitas vezes gratuito, pois revela os corações e seus ídolos. Eles vão nos estranhar e nos insultar...

A caminhada com Deus passa pelo vale da sombra da morte, mas só passa, pois ao final somos recebidos por Cristo que venceu, para que tivéssemos também vitória.

O fim de todas as coisas - Abra a Palavra de Deus...

1 Pedro 4:7 O fim de todas as coisas está próximo. Levai, pois, uma vida de autocontrole e de sobriedade, dedicada à oração.

Pela primeira vez se diz abertamente o que já várias vezes estava implícito na carta: o fim de todas as coisas está próximo. Dentro da tradição apocalíptica judaica e cristã, o fim da história está marcado por uma poderosa intervenção de Deus.

Aqui em 1 Pedro fazem parte o retomo de Cristo (a sua “revelação”, 1.7 e 1.13) e o juízo final (4.5; cf.4.17,18).

A palavra fim tem vários sentidos, o que se pode notar ao longo de 1 Pedro.

Em 1.9, ela designa o alvo, o objetivo (“o fim da vossa fé, a salvação”); em 4.17, designa o modo como termina a vida de alguém (“qual será o fim daqueles que não obedecem ao evangelho?”). Aqui, o significado é claramente o de ponto final da história, “o fim”.

Está próximo é um termo comumente usado por Jesus nos Evangelhos, para anunciar a proximidade do Reino de Deus (cf. Mc 1.15), sendo assim desde logo associado à expectativa escatológica da comunidade cristã.

O verbo literalmente afirma “chegou”, o que dá uma ideia do senso de iminência do fim que tinha o autor. Nesse mesmo sentido, temos o seu uso em Tg 5.8, “a vinda do Senhor está próxima”. Como já temos dito, essa sensação de viver às portas do desfecho da história e de um novo começo radicalmente distinto, é muito importante para a compreensão do cristianismo primitivo, e explica muito da sua vitalidade e da disposição dos cristãos de se desfazerem de tudo que seja obstáculo para essa virada na história.

Uma pergunta que surge logo é: como já se passaram quase dois mil anos desde então, e este fim ainda não chegou?

Muitas respostas têm sido tentadas, e provavelmente a melhor é a que é dada em 2 Pedro (3.3-13), passagem que deveria ser lida.

Ao longo da história do cristianismo, sempre se tem visto que esta perspectiva de viver “no tempo do fim”, da “utopia presente”, de se estar às portas de uma grande virada histórica, tem alimentado a fé dos cristãos; quando ela falta, a comunidade cristã tende ao esmorecimento e ao comprometimento com o mundo.

Tal perspectiva tem implicações no todo da vida, pois tudo é visto com olhos diferentes. Não menos afetada por ela é a espiritualidade dos crentes, pois ela significa a participação já, aqui e agora, daquela comunhão com Deus que é a marca mais forte da era vindoura (Ap 21.3; 22.4). A característica da espiritualidade cristã é esse desfrutar antecipado da vida futura, o que reforça a capacidade de viver a vida presente sob a expectativa do futuro, do mundo novo e da vida nova com Deus.

Levai, pois, uma vida de autocontrole e de sobriedade, dedicada à oração.

São as orações dos cristãos que mantêm os seus olhos voltados na direção certa, para que vivam nela as suas vidas.

Ter uma vida de autocontrole e de sobriedade, apontam para uma mesma coisa: a necessidade de moderação, de sobriedade e de discernimento, não deixando que alguma coisa venha a perturbar a capacidade de ver e pensar claramente.

Isto se coloca em relação a essa perspectiva do futuro iminente, de que tão facilmente podemos ser desviados, para dentro do nosso pequeno mundo centrado em nós mesmos.

1 Pedro 4:8 Acima de tudo, porém, conservai vivo o amor uns para com os outros, porque o amor cobre uma multidão de pecados.

Acima de tudo é um modo de chamar a atenção a alguma coisa de especial importância no contexto. Conservai vivo o amor uns para com os outros, quer dizer, o amor entre eles é pressuposto, não precisa ser criado; precisa, sim, ser sempre mais intenso.

É a mesma coisa que foi dita em 1.22. Esta ênfase no amor talvez seja a maior característica do cristianismo, e nunca devemos nos esquecer disso. Segundo Jesus, o amor é a síntese e o cumprimento de toda a lei de Deus (Mt 22.36-40).

Paulo igualmente o apresenta como a maior das virtudes (1 Co 13).

Numa situação como a dos leitores, de uma minoria marginalizada e hostilizada dentro de uma sociedade, esse amor entre eles é fundamental, tanto para mantê-los unidos, como para compensar a inimizade com que são tratados pelos de fora.

Porque o amor cobre multidão de pecados é uma formulação um tanto enigmática, e que tem sido interpretada de várias maneiras. Ela aparece também em Tg 5.20, numa forma um pouco diferente, mas cujo sentido é o mesmo.

Muito provavelmente, trata-se de um dito de Jesus, não encontrado nos Evangelhos, mas que era popular no meio dos primeiros cristãos. No nosso caso apenas atesta a condição dos cristãos e não condiciona ao motivo que somos perdoados por Deus.

Muitos segmentos do cristianismo têm interpretado esse texto de forma errônea indo assim contra a noção bíblica de que os pecados são perdoados apenas pelo sacrifício de Jesus na cruz, que é suficiente para cobrir todos os nossos pecados.

A atitude de amor de Deus para conosco faz com que a atitude de amor uns para com os outros leve a superar os problemas de relacionamento que possam surgir, ainda mais pela tensão que todos suportam face às hostilidades dos de fora.

E mesmo aqueles que fraquejaram, e por algum motivo se desviaram, devem ser tratados com amor, que encobre os pecados e ressalta o amor de Deus por todos.

1 Pedro 4:9 Praticai a hospitalidade, sem murmurar.

A tônica da nossa passagem nas relações entre os cristãos é marcada pela repetição de **uns para com os outros**, nos vs. 8-10. A próxima coisa de que se fala, e que tem relação direta com o amor entre eles, é a prática da hospitalidade.

O termo significa literalmente “amigo de estranhos”, e descreve uma realidade de grande importância na nossa compreensão do cristianismo primitivo, tanto no aspecto da missão como da vida comunitária. As viagens eram bem mais demoradas que hoje, e bem mais difícil levar dinheiro junto consigo para atender às necessidades durante a viagem (havia muitos assaltantes nas estradas; o próprio Paulo se refere a isso, em 2 Co 11.26). Assim, os missionários cristãos que constantemente estavam viajando tinham de ser sempre hospedados por alguém, que também suprisse as suas necessidades (cf. Fm 22; Rm 15.24; 1 Co 16.6).

2 e 3 João abordam essa questão, a primeira alertando a que não se receba em casa pregadores que tragam uma doutrina diferente (2 Jo 10, e a segunda exortando a que se recebam os “irmãos estrangeiros”, encaminhando-os “de modo digno” (provendo as suas necessidades) para o restante da sua jornada (3 Jo 5-8).

Hospedar os missionários cristãos, então, era tarefa sumamente importante e tecnicamente fundamental para que o cristianismo pudesse se espalhar pelo mundo. Incluía também prover todas as suas necessidades enquanto eles estivessem presentes, próxima cidade em sua viagem.

Houve gente que se aproveitou disso e fazia “turismo” às custas dos cristãos.

Podemos imaginar os inúmeros problemas que poderiam surgir tanto para os candidatos a hóspede como para os potenciais hospedeiros.

Mas, à parte dessa perspectiva da missão, a hospitalidade também era importante para a vida da comunidade. Não havia templos, e todas as reuniões eram feitas em casas, que teriam de estar abertas para receber toda a congregação (com todos os problemas que daí podem resultar, especialmente para os donos da casa).

Os lares cristãos eram realmente o centro da vida comunitária e da missão evangelizadora e, por isso, era fundamental que fossem hospitaleiros, portanto, essa característica era tida em alta conta.

O fato de que ela incluía problemas fica implícito pelo acréscimo de sem murmuração, acréscimo que fala por si próprio.

Hospitalidade com amor “que tudo suporta” (1 Co 13.7), é o que aqui é solicitado.

Para muitos pobres ou empobrecidos por causa da fidelidade a Cristo, isto significava ter já aqui um lar como o que nos é prometido na era vindoura, quando Deus a todos hospedará com amor. As famílias daqueles que perderam os bens ou a vida por causa do evangelho teriam de ser cuidadas, e aqueles que porventura tivessem de fugir por causa de perseguições teriam de ser recebidos. Em tudo isso, a comunidade cristã demonstra o que significa ser “igreja”, ser povo de Deus, ser “casa do Espírito Santo”, onde este está e onde todos são recebidos.